

Desvalorização pega fundos no contrapé

POR SARA CALIAN

Repórter do THE WALL STREET JOURNAL

LONDRES — Alguns desafortunados administradores de fundos de mercados emergentes foram pegos com muito dinheiro no Brasil, país que eles julgavam seguro contra uma crise.

Na média, os fundos de mercados emergentes tinham mais dinheiro no Brasil do que em qualquer outro lugar do mundo, apenas algumas semanas antes da desvalorização do real. Segundo um levantamento da Standard and Poor's Fund Research com mais de 200 fundos de mercados emergentes, 11% dos ativos desses fundos, em média, estavam no Brasil em 1º de dezembro.

Apesar de alguns administradores de fundos dizerem que eles haviam reduzido sua posição no Brasil em janeiro, muitos foram pegos pela dificuldade de vender num mercado em queda.

"Nós fomos muito envolvidos nessa crise com investimentos no Brasil que eram mais altos do que os de nossos concorrentes", admite Michael Hughes, diretor do grupo de mercados emergentes da Fleming Asset Management em Londres. "Nós vendemos um punhado de ações que eram tidas como vulneráveis a uma forte deflação. Mas não é muito fácil vender num mercado como esse."

Hughes diz que dos US\$ 7 bilhões em investimentos da Flemings em mercados emergentes, cerca de 10,8% estavam no Brasil pouco antes de o mercado despençar. Na quinta-feira da semana passada o fundo vendeu ações da Eletrobrás e da Petrobrás. "Não estamos caindo fora do Brasil", diz Hughes. "Estamos apenas reduzindo nossos investimentos em 2%. A desvalorização ainda não está totalmente descontrola-

da." Ele diz que a firma ainda tem ações de algumas empresas, como Vale do Rio Doce. Hughes diz que a Flemings costuma investir em ações específicas, em vez de apostar nas altas e baixas do mercado. "Nós achamos que as más notícias sobre o Brasil já haviam sido incorporadas no preço das ações e que havia potencial para uma recuperação do mercado", ele diz. "E haveria se não acontecesse um desastre total."

E o desastre está provavelmente apenas começando, dizem administradores mais céticos. David Stewart, administrador de fundos de mercados emergentes da Fidelity, prevê que as ações do Brasil vão cair ainda mais. "Vendemos algumas ações brasileiras em novembro e reduzimos nosso investimento a 7%", diz. "Estamos nos atendo aos nossos investimentos principais no Brasil, mas não

estamos comprando mais." Ele diz que os juros vão subir a níveis tão altos que a economia não vai conseguir tolerar. "O que eles fizeram até agora foi uma meia medida, o que é sempre perigoso", diz.

Para alguns, os problemas brasileiros foram menos uma surpresa que uma decepção. "Não quero soar melancólico demais, mas há sempre algo para se preocupar quanto a mercados emergentes", diz Edward Hocknell, administrador de fundo de mercados emergentes da Baillie Gifford & Co. em Edimburgo. "O Brasil é apenas a mais recente crise e ainda vem mais por aí." Hocknell diz que embora ele enxergue algumas pechinchas para comprar no Brasil ele vai esperar os preços caírem mais. "Nós temos uma posição alta em dinheiro e vamos mantê-la", ele diz. "Nós vamos esperar a poeira baixar."